

MUITO PEQUENA ESTÓRIA DE UM MENINO QUE FOI PARA A JANELA

FRANCISQUINHO

WALDEN CAMILO DE CARVALHO

2º ano do Curso de Formação de Atôres —
Teatro Universitário, da UFMG.

acho que já começou maio. na verdade, é bem capaz de não me importar muito o tempo. daqui de onde estou não dá pra ver as flôres nas árvores. li que essa época é linda. acho mesmo que tôdas as épocas são bonitas pra alguma pessoas. de minha parte, acho que prefiro o inverno. verde. papai tem umas roupas verdes muito bonitas. uma menina atravessando a rua. uma parte dela na sombra e a outra no sol. pronto, sumiu do outro lado. eu ia gostar muito se pudesse ficar andando assim. parece que ela não ia a lugar nenhum. será que eu estou certo? talvez ela esteja indo... deixa eu ver... é, não deve estar indo a lugar nenhum não. é impossível alguém me ver de onde estou. e no entanto eles não gostam que eu fique à janela. se eu pudesse ir lá em baixo, parava perto da árvore e era bem capaz de alguma menina vir conversar comigo. isso só quando eles saem. uma vez que eu fui, a môça quis dinheiro prá continuar conversando. acho até que ela não era do tipo das meninas que eu gosto. eu fiquei muito nervoso perto dessa. tenho muito azar com meninas. gostei de um punhadão delas. sei que todo mundo já gostou de um punhadão de meninas. não me parece que o que eu faço seja alguma

novidade. eu gosto muito da tremedeira que me dá quando eu estou gostando de alguma. as meninas com quem eu conversei, nunca gostaram de mim. devo ter uma voz muito feia ou cuspir quando falo. qualquer coisa assim... fico muito bravo comigo quando deixo algum cuspezinho cair em alguém. às vezes eu penso que caiu e então ficou com vergonha e tenho vontade de nunca mais ver aquela pessoa. de longe eu fico mais tranquilo. as côres da tarde atrás das fôlhas. o edificio cinza. está escurecendo. agora já tem muita gente na rua. o barulho dos carros e das gentes que vêm do trabalho. aqui perto tem muitas fábricas. saem todos gritando. parece até que êles estão indo brigar com alguém. eu gostaria muito de ouvir direito o que êles dizem. a luz ficando fria. a rua suja de papéis do povo que veio das fábricas. os postes a neon. uma de minhas namoradas foi prós estados unidos logo no comêgo. quando voltou, não gostava mais de mim. nunca mais me olhou. é bem capaz dela nunca ter me amado. isso me deixa muito triste. uma outra casou com um americano que tinha conhecido quando também foi lá. eu escrevi muitas poesias pra ela. foi a única que me beijou. nesse dia eu era capaz de voar e fazer igual os passarinhos, ficar de lá prá cá, em cima da cidade. foi ela que me beijou. então eu comecei a gostar tanto dela que tinha mêdo. quando passava, eu saía da janela. só voltava quando já tinha sumido. comecei então a odiar todos os americanos. às vezes sonho com ela. passa voando muito alto e faz um barulho enorme. corro muito pra ver se a alcanço, meus passos são muito pequenos e logo ela some. já fiz fôrça pra ver se choro. não tem jeito. êsses dias eu tentei tanto, que acabei vomitando no travesseiro. fiquei com muita vergonha de dizer pra mãe e não dormi à noite. aí sim, quase que eu chorei de tanta tristeza. me bateram muito por causa do vômito. hoje cêdo eu vi uma menina linda de olhos verdes. ela estava de braço dado com uma velha gorda que devia pesar uns oitenta quilos. tive vontade de matar a velha. a menina até que olhou pra mim. fiquei com muito mêdo da velha. odeio tôdas as velhas.

— o que é que você está fazendo aí?

— eu estava só olhando aqui, mãe.

- já não disse pra não ficar na janela?
- disse sim, mãe...
- o que é que êle está fazendo aí?
- nada não, pai...
- êle estava na janela!
- cachorro, o quê que estava fazendo nessa janela... vai estudar, vagabundo!!!
- não me bate não, pai...